O desenho em carvão apresenta-se como uma alegoria visual que condensa, no gesto simples de duas mãos em concha, a essência do tema “Peregrinos da Esperança”. Não se trata de uma representação literal, mas de uma construção simbólica que, com poucos elementos, consegue evocar a profundidade da condição humana, o peso da escuridão e a persistência da luz.

As mãos em concha assumem uma função dupla e ambivalente. Por um lado, evocam a ideia de proteção, de abrigo, como se nelas repousasse algo demasiado precioso para ser exposto ao mundo cruel. São mãos que guardam, que defendem a chama da esperança contra o vento do desespero. Por outro lado, a sua abertura indica entrega e partilha: não se trata de encerrar o que está dentro, mas de acolher e simultaneamente oferecer. Este gesto de segurar algo frágil e luminoso sem o esmagar traduz a essência da esperança — uma chama pequena, delicada, que sobrevive apenas porque alguém a guarda com cuidado, paciência e reverência.

A chama central, desenhada com um brilho subtil que contrasta com a densidade do carvão, torna-se o coração da imagem, o núcleo em torno do qual tudo gravita. É o destino da caminhada dos peregrinos e também o símbolo daquilo que os sustenta. Sem essa luz, as figuras em marcha não teriam rumo, e o caminho perder-se-ia na escuridão. É ela que atrai, guia e dá sentido ao esforço.

Os peregrinos, reduzidos a silhuetas, avançam com cajados e passos curvados. O facto de estarem inscritos nas linhas das mãos reforça a ideia de que o caminho da esperança não se percorre apenas num espaço exterior, mas sobretudo num território interior. Cada viajante segue sobre as linhas da pele como se estas fossem estradas desenhadas pela própria existência. A palma converte-se, assim, num mapa íntimo: as rugas transformam-se em trilhos, as marcas em direções possíveis. Cada viajante é também expressão da jornada pessoal de cada ser humano, enfrentando a dureza do mundo com a força invisível da fé e da persistência.

A escolha de os representar pequenos, quase perdidos na vastidão das palmas, sublinha a humildade da criatura humana perante o mistério da vida. Ainda assim, apesar da sua fragilidade, eles caminham, não param, seguem sempre em direção à claridade. Há neles uma obstinação silenciosa, uma certeza íntima de que o destino vale o esforço.

O fundo escuro que envolve a composição funciona como contraponto visual e simbólico. É a noite, o deserto, a ausência, a treva que ameaça engolir tudo. Mas no meio dessa escuridão ergue-se o foco luminoso da chama, mantida pelas mãos que a protegem e alimentada pelo esforço coletivo dos peregrinos. O contraste entre a sombra densa e a luz frágil exprime a luta universal entre o desespero e a esperança, entre a queda e a resiliência, entre a solidão e a comunhão.

Em termos conceptuais, o desenho articula três níveis de significado. Primeiro, o individual: cada peregrino representa o ser humano isolado, que caminha sobre as linhas da sua própria mão em busca de sentido. A viagem é ao mesmo tempo física e interior, porque a estrada está inscrita no corpo, nas marcas do tempo, na memória das perdas e dos sonhos. Depois, o comunitário: as figuras não caminham sós, mas lado a lado, sugerindo que a esperança se constrói no coletivo, no gesto de partilhar a mesma estrada e carregar mutuamente o fardo da jornada. Finalmente, o transcendente: a chama nas mãos, que não é apenas destino mas também origem, exprime a dimensão espiritual da esperança, esse algo maior que transcende a matéria e que permanece mesmo quando tudo parece desmoronar.

Assim, o desenho em carvão torna-se uma meditação sobre o poder da esperança: pequena mas resistente, humilde mas luminosa, sempre nascida do interior humano e projetada para o infinito.